

ESPAÇO JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS

Organização: CLAUDE ARCANJO

A POLÍTICA E O MOVIMENTO FEMINISTA NA VIDA DE IRÈNE JOLIOT-CURIE

CARLOS ALBERTO DOS SANTOS

Professor aposentado pelo IF-UFRGS,
professor visitante da UFRS
cas.ufrgs@gmail.com



Na literatura popular, o nome Curie é inevitavelmente ligado à descoberta da radioatividade. Em 1898, Marie e Pierre Curie descobrem os elementos químicos radioativos polônio e rádio. Em 1903, o casal dividiu com Henry Becquerel o prêmio Nobel de física. Oito anos depois, em 1911, Marie ganhou o prêmio Nobel de química. Foi, até o momento, a única pessoa a ganhar duas vezes o Nobel em duas áreas científicas diferentes. Há um fato pouco conhecido referente ao prêmio de 1911. Em 1903, os comitês do Nobel de física e química discutiram quem deveria conceder o prêmio. O comitê de química aceitou que o comitê de física fosse responsável pela premiação, desde que não se mencionasse as descobertas do polônio e do rádio, pois este era um assunto da química. Portanto, o prêmio de 1911 já estava marcado desde 1903.

Em 1935, Irène Joliot-Curie, a filha caçula de Marie e Pierre, dividiu com o marido Frédéric Joliot-Curie o Nobel de química. O grande público conhece pouco a vida científica de Irène, mais conhece muito menos sua participação política e seu ativismo no movimento feminista. Portanto, nada mais apropriado para comemorar o Dia Internacional da Mulher, em oito de março, do que destacar essa parte da biografia de Irène Joliot-Curie, que cresceu em um ambiente social com uma atmosfera laica e libertária. Seus pais e os amigos de seus pais dedicavam-se à defesa

Irène saindo do Conselho de Ministros, 1935
(Wikimedia Commons)



Marie e Irène orientando oficiais estadunidenses sobre os raios-X
(Wikimedia Commons)



da cultura e da ciência, à defesa da independência feminina e do engajamento político. Marie Curie participava desse ambiente, mas não se manifestava publicamente, exceto em 1921, quando assinou uma petição em favor do movimento sufragista das mulheres britânicas.

Assim como Marie, que aos 17 anos participou de um movimento de resistência à dominação russa na Polônia, Irène, também aos 17 anos, foi para o campo de batalha da Primeira Guerra Mundial para colaborar com sua mãe no serviço de radiologia, ela mesma conduzindo uma das "pequenas Curie", caminhonetes transformadas em unidade volante de raios-X.

No discurso que pronunciou ao receber o prêmio Nobel, ela manifesta sua posição pela igualdade de direitos de homens e mulheres: "Ficarei particularmente feliz se a distinção que me foi concedida puder servir à causa do trabalho feminino, se puder ajudar a salvaguardar o direito mais precioso das mulheres, o direito de exercer nas mesmas condições que os homens as profissões para as quais estão habilitadas pela sua educação e trabalho." No ano seguinte ela ocupa o recém-criado cargo de Subsecretária de Estado para a Pesquisa Científica, equivalente hoje à função de Ministro. Escreveu para a feminista estadunidense William Brown Meloney, velha amiga de sua mãe, dizendo que aceitara o cargo como um sacrifício pela causa feminista na França. No bojo dessa ação política ela luta pelo direito de voto das mulheres, que será aceito em outubro de 1944.

Bem antes de aceitar o cargo no governo, ela se iniciava em atividades políticas. Assinou petição contra a prisão de Sacco e Vanzetti, anarquistas italianos

presos nos EUA em 1920 e executados na cadeira elétrica em 1927. Em 1948 dois advogados provaram que houve um erro judicial, e em 1977 o governador de Massachusetts reconheceu formalmente a injustiça e reabilitou os nomes dos dois italianos.

Com a chegada de Hitler ao poder, em 1933, Irène e Frédéric juntam-se à SFIO (Secção Francesa da Internacional Operária). Todavia, ao que consta, ela jamais filiou-se ao Partido Comunista Francês. Participa de vários movimentos de esquerda e antifascistas, como a Liga dos Direitos do Homem, a União das Mulheres Francesas, e o Comitê de Vigilância Antifascista. Em 1938 preside a União dos Intelectuais pela Liberdade, a Justiça e a Paz, cujo objetivo principal era proteger os intelectuais judeus e os estrangeiros.

Apesar de sua inegável importância científica, e ao contrário do seu marido, eleito para a Academia das Ciências de Paris em 1943, Irène candidatou-se quatro vezes e sempre foi rejeitada por larga maioria dos membros. Em 1911 sua mãe também fora rejeitada, por dois votos, mas jamais voltou a se candidatar. A reincidência de Irène era para mostrar a misoginia da Academia, que só aceitou uma mulher entre seus membros em 1962. A eleita, Marguerite Perey, havia sido assistente de Marie Curie e colega de trabalho de Irène. Ironia maior foi a eleição de Frédéric, para ocupar a vaga deixada por Édouard Branly, o concorrente de Marie, que, outra ironia, ocupou a cadeira de Pierre Curie. Portanto, mais simbólico teria sido a eleição de Irène para ocupar a cadeira do seu pai e talvez remediar a injustiça feita à sua mãe.



Irène e Einstein (Wikimedia Commons)

defato.com

DIREÇÃO GERAL: César Santos
DIRETOR DE REDAÇÃO: César Santos
GERENTE ADMINISTRATIVA: Ângela Karina
DEP. DE ASSINATURAS: Alvanir Carlos

Um produto da Santos Editora de Jornais Ltda., fundada em 28 de agosto de 2000, por César Santos e Carlos Santos.

www.defato.com E-MAIL: redacao@defato.com TWITTER: @jornaldefato_rn | REDAÇÃO E OFICINAS: SEDE: Avenida Rio Branco, 2203, Centro, Mossoró-RN – CEP: 59.063-160
TELEFONES: (084) 99836-5320 (Mossoró) | COMERCIAL/ASSINATURAS: (84) 99956-4810 - (84) 99485-3685

FILIAÇÃO
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNALISTAS
www.anj.org.br